

Beleza cinética e transcendência atlética: David Foster Wallace e o tênis como experiência estética, espiritual e cultural

Knetic beauty and athletic transcendence: David Foster Wallace
and tennis as an aesthetic, spiritual, and cultural experience

César Teixeira Castilho

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, Brasil
Doutor em Sciences du Sport et du Mouvement Humain, Université Paris-Sud, França
castcesarster@gmail.com

RESUMO: Este ensaio investiga como David Foster Wallace concebe o tênis como uma experiência estética, espiritual e cultural. Partindo de ensaios como “Roger Federer as religious experience” e “The professional artistry of Michael Joyce”, o autor analisa a maneira singular com que Wallace eleva o tênis à categoria de arte, introduzindo o conceito de “beleza cinética” – uma percepção estética dos movimentos corporais atléticos como forma de transcendência sensorial. O texto também explora o aspecto espiritual do esporte, retratando atletas como figuras quase místicas e seus feitos como momentos de graça. A partir disso, Wallace propõe que o tênis pode proporcionar vislumbres do sagrado, mesmo em contextos seculares. Por fim, o ensaio enfatiza o papel do espectador como intérprete e mediador da experiência esportiva, responsável por conferir sentido às performances atléticas. Wallace, ex-jogador e escritor, torna-se ele mesmo um tradutor entre o fazer atlético e o ser reflexivo, aproximando a crônica esportiva do ensaio literário. O estudo destaca como a escrita de Wallace redefine o jornalismo esportivo e amplia o campo dos estudos culturais e literários, revelando no esporte camadas profundas de beleza, espiritualidade e sentido existencial.

PALAVRAS-CHAVE: David Foster Wallace; Tênis; Estética do esporte; Beleza cinética; Espectador; Transcendência atlética.

ABSTRACT: This essay explores how David Foster Wallace conceives tennis as an aesthetic, spiritual, and cultural experience. Drawing on essays such as “Roger Federer as religious experience” and “The professional artistry of Michael Joyce,” the study examines Wallace’s notion of “kinetic beauty” – an aesthetic appreciation of athletic movement as a form of sensory transcendence. It also analyzes the spiritual dimension of sport, portraying elite athletes as near-mystical figures whose performances evoke moments of grace. Tennis, in Wallace’s view, offers glimpses of the sacred even within secular contexts. The essay further investigates the role of the spectator as interpreter and meaning-maker, emphasizing that it is often the audience – and the essayist himself-who grants metaphysical resonance to athletic feats. Wallace, a former tennis player and literary figure, acts as a translator between the act of playing and the act of understanding, transforming sports journalism into literary essay. The article concludes that Wallace’s writing elevates tennis to a space of reflection, art, and transcendence, contributing meaningfully to the fields of literature, sports philosophy, and cultural studies.

KEYWORDS: David Foster Wallace; Tennis; Sports aesthetics; Kinetic beauty; Spectator; Athletic transcendence.

INTRODUÇÃO

David Foster Wallace (1962-2008) destacou-se como um dos autores norte-americanos mais influentes do final do século XX e início do XXI, célebre pelos romances como *Infinite Jest* e por sua não ficção inovadora. Menos conhecida é sua faceta de escritor sobre esportes, em especial o tênis – modalidade que ele praticou competitivamente na juventude¹ e sobre a qual escreveu diversos ensaios em veículos como *The New York Times*, *Esquire* e *Tennis Magazine*. Nessas crônicas, Wallace transcende a cobertura esportiva tradicional ao imbuir o tema com reflexões estéticas, filosóficas e espirituais.²

Este ensaio analisa como Wallace concebe o tênis como experiência simultaneamente estética, espiritual e cultural. Para tanto, baseia-se em seus textos originais, notadamente os ensaios “Federer, de carne e não só” (2006), “A arte profissional de Michael Joyce” (1996) e “Esporte derivativo na Terra dos Tornados” (1991), e em estudos críticos relevantes sobre o assunto.³ Defende-se que Wallace eleva o tênis ao patamar de arte, destacando a graça física e a beleza cinética dos atletas de elite, enquanto interpreta seus feitos em termos quase religiosos. O ensaio argumenta que o público e o ensaísta (ele próprio) são mediadores fundamentais que dão sentido estético e metafísico às exibições atléticas.

A estrutura do trabalho reflete essas três dimensões interligadas. Na segunda seção, discute-se o tênis como experiência estética, desvendando o conceito de “beleza cinética” desenvolvido por Wallace. A terceira seção explora a dimensão espiritual do jogo, mostrando como o autor concebe certos momentos e atletas como quase transcenrais. Na quarta seção, analisa-se o papel do espectador-intérprete: ao se deparar com a experiência esportiva, é o espectador-reflexivo que completa o sentido estético da partida. A conclusão sintetiza as

¹ WALLACE. Derivative sport in Tornado Alley.

² KING. The spirituality of sport and the role of the athlete in the tennis essays of David Foster Wallace.

³ KING. The spirituality of sport and the role of the athlete [...]; QUEIROZ. Corpo, mídia e esporte: uma leitura de Hans Ulrich Gumbrecht e David Foster Wallace. CHASE. David Foster Wallace and the aesthetics of athletics; STRONG. Those Federer moments: sports, sex, and the gender of grace.

principais ideias e destaca as implicações do olhar de Wallace para estudos de literatura e cultura esportiva.

TÊNIS COMO EXPERIÊNCIA ESTÉTICA: A BELEZA CINÉTICA EM AÇÃO

Wallace aborda o tênis nos termos da estética – isto é, da percepção do belo – algo raro na cobertura esportiva convencional. Observa, por exemplo, que “nos esportes masculinos, ninguém nunca fala em beleza ou graça”, criticando o vocabulário belicoso típico dos relatos esportivos (metáforas de guerra, batalhas, “armas” no jogo etc.).⁴ Em contrapartida, ele propõe valorizar a dimensão estética do esporte: em “Michael Joyce...” afirma que o tênis profissional de alto nível “é o esporte mais bonito que existe”, comparando-o a “uma espécie de arte”.⁵ Esse posicionamento rompe com o tabu apontado por Hans Ulrich Gumbrecht⁶ de que intelectuais raramente elogiam abertamente a beleza no esporte. Para Wallace, ignorar a beleza cinética é perder de vista a essência do fascínio que o esporte pode exercer.

Definindo a “beleza cinética”

O que Wallace denomina “beleza cinética”? Trata-se da beleza específica dos movimentos corporais executados por um esportista – frequentemente em velocidade e coordenação inacreditáveis para quem observa. Em seu ensaio sobre Federer, ele sugere que esse tipo de beleza “talvez tenha a ver com a reconciliação do ser humano com o fato de possuir um corpo”.⁷ Em outras palavras, assistir um atleta executar façanhas físicas à beira do impossível nos reconcilia com nossa própria corporalidade, despertando uma percepção aguçada de quão extraordinário é simplesmente poder mover-se e interagir com o mundo físico. Nas palavras do próprio Wallace, grandes atletas “catalisam nossa consciência de quão

⁴ WALLACE. Roger Federer as religious experience, p. 4.

⁵ WALLACE. Tennis player Michael Joyce's professional artistry as a paradigm of certain stuff about choice, freedom, limitations, joy, grotesquerie, and human completeness, p. 21.

⁶ QUEIROZ. Corpo, mídia e esporte, p. 338.

⁷ WALLACE. Roger Federer as religious experience, p. 44.

glorioso é tocar e perceber, mover-se através do espaço, interagir com a matéria".⁸ Essa epifania corporal, que ele equipara a raros momentos sensoriais de pico, confere ao espetáculo esportivo uma dimensão quase redentora: mesmo que o espectador mediano seja fisicamente inepto em comparação, ele experimenta, vicariamente, um vislumbre da alegria pura de ter um corpo em pleno funcionamento. Na esteira dessas proposições, Gumbrecht⁹ forneceria, anos depois, um arcabouço mais abstrato para esse mesmo efeito: no estádio (ou diante de um texto literário que descreve o estádio) nosso foco se desloca do significado para a presença – para a vibração material do acontecimento que antecede qualquer interpretação.¹⁰ Assim, a beleza cinética é o ponto em que Wallace e Gumbrecht convergem: um vê, o outro conceitua.

Vale notar que a beleza cinética definida por Wallace não se confunde com padrões usuais de beleza física ou noções estereotipadas de "atletas bonitos". Ele enfatiza que seu encanto "nada tem a ver com sexo ou normas culturais" – é uma forma de beleza humana universal, perceptível independentemente de background ou gênero. Como observa Franklin Strong (2015),¹¹ ao comentar o ensaio de Wallace, isso eleva a ideia de que os espectadores procuram no esporte a catarse tribal, bem como uma participação na beleza que nossos corpos limitados raramente permitem sentir. Nesse sentido, a admiração estética pelo atleta em ação transcende o mero entretenimento competitivo, aproximando-se de uma experiência contemplativa e quase artística.

Técnica, descrição e lirismo na representação do jogo

Wallace não apenas afirma teoricamente a existência de beleza no tênis; ele se empenha em traduzir essa beleza em palavras. Suas descrições combinam precisão técnica e brilho retórico. Um exemplo notável é a longa passagem em que narra um ponto espetacular entre Roger Federer e Andre Agassi na final do US

⁸ WALLACE. Roger Federer as religious experience, p. 67.

⁹ GUMBRECHT. *Crowds: the stadium as a ritual of intensity*; GUMBRECHT. In: *Praise of athletic beauty*.

¹⁰ GUMBRECHT. *Crowds*.

¹¹ STRONG. Those Federer moments.

Open de 2005. Com minúcia de entomólogo e entusiasmo de fã extasiado, Wallace descreve cada troca de bola – do *slice* curto de *backhand* de Federer puxando Agassi à rede, à resposta agressiva de Agassi tentando surpreendê-lo no contrapé – culminando no improvável contragolpe: Federer, mudando de direção num milissegundo, retrocede em pequenos saltos e dispara um *forehand* paralelo cheio de *topspin*, “numa velocidade impossível”, que toca a linha milimetricamente.¹² Após esse winner inacreditável instaura-se um momento de silêncio reverente antes que a multidão exploda em aplausos. É esse instante de êxtase coletivo – quando a plateia fica boquiaberta diante da TV – que Wallace denomina de “Momento Federer”.¹³

A qualidade literária da prosa de Wallace ao retratar lances de tênis tem sido elogiada como exemplar da melhor literatura esportiva. Greg Chase (2016) destaca que Wallace possui “o discernimento técnico de um jogador e o assombro de um fã obsessivo”,¹⁴ combinação que lhe permite comunicar em prosa a experiência cinética que normalmente escapa às descrições comuns. O resultado são passagens que oscilam entre o didático e o lírico: de um lado, explicações de *topspin*, ângulos de quadra e estatísticas; de outro, metáforas ousadas e até poéticas para dar conta do efeito dessas jogadas sobre o espectador.

Uma de suas comparações mais célebres subverte a retórica bélica por meio de uma imagem sensual: “o tênis na TV está para o tênis ao vivo como um vídeo pornográfico para a sensação real do amor humano”.¹⁵ A metáfora, ao mesmo tempo provocadora e irônica, expõe a perda de dimensão e de intensidade que a mediação televisiva impõe e reforça a ideia de que a beleza cinética só se revela plenamente no encontro presencial entre atleta e plateia. Wallace chega a sugerir que Federer parece “isento de certas leis físicas”, tamanha a aura sobrenatural de seu desempenho em quadra – observação que reverbera a tese de Gumbrecht em *Crowds* (2021),¹⁶ para quem o estádio funciona como um “ritual de intensidade” que se esvazia quando a massa de corpos é substituída por

¹² WALLACE. Roger Federer as religious experience.

¹³ WALLACE. Roger Federer as religious experience, p. 43

¹⁴ CHASE. David Foster Wallace and the aesthetics of athletics, n. p.

¹⁵ WALLACE. Roger Federer as religious experience, p. 46.

¹⁶ GUMBRECHT. *Crowds*.

telas. Em ambos os autores, portanto, a minúcia técnica (*topspin*, ângulos, *footwork*) convive com um lirismo que não busca decifrar sentidos ocultos, mas reativar no leitor a vibração corporal do instante atlético.

Em suma, na obra ensaística de David Foster Wallace o tênis é elevado a objeto estético legítimo. Através do conceito de beleza cinética, o autor reivindica que as façanhas atléticas de alto nível carregam um valor intrínseco semelhante ao das artes – provocando no observador reações de admiração, prazer contemplativo e compartilhamento quase comunicativo dessa experiência do belo.¹⁷ Essa estética do esporte, porém, raramente vem isolada de outras camadas de sentido, o que conduz às fronteiras espirituais que discutiremos na próxima seção.

TRANSCENDÊNCIA E ESPIRITUALIDADE: O TÊNIS COMO EXPERIÊNCIA “QUASE RELIGIOSA”

Desde o título de seu famoso ensaio sobre Federer – “Roger Federer as religious experience” – fica claro que Wallace enxerga no ápice do esporte algo que ultrapassa o domínio do ordinário e do físico. Diversos comentaristas notam que Wallace descreve certos momentos e atletas em termos místicos, sugerindo que o esporte pode propiciar instantes de transcendência.¹⁸ Esta seção examina duas facetas interligadas dessa visão: (a) o atleta de elite concebido como figura quase transcendente, comparado a um “avatar” ou “gênio”; e (b) a ideia de que assistir a esses atletas em ação pode assemelhar-se a uma forma de comunhão espiritual para o espectador.

O atleta como “avatar” e a busca da perfeição

Wallace não hesita em dotar atletas excepcionais de status quase sobre-humano. No ensaio sobre Federer, ele sugere que o tenista suíço, então com 25 anos, encarna uma perfeição técnica e estética nunca vista – “uma espécie de gênio, mutante ou avatar” do tênis.¹⁹ O uso do termo *avatar* – que em contextos

¹⁷ CHASE. David Foster Wallace and the aesthetics of athletics, n. p.

¹⁸ KING. The spirituality of sport and the role of the athlete [...].

¹⁹ SILVA. A beleza cinética por David Foster Wallace, n. p.

religiosos hindus designa a encarnação terrestre de uma divindade – não é acidental. Wallace descreve atletas como Federer como estando “a meio caminho entre deuses e homens”, parecendo feitos “de carne e, de alguma forma, de luz”.²⁰ Essa descrição – um corpo simultaneamente substancial e etéreo – traduz literalmente a sensação de transcendência associada a assistir tais jogadores em seu auge. Em quadra, Federer aparece-lhe quase como um ser angelical: vestido de branco imaculado em Wimbledon, parece pairar com leveza sobre a grama.

O componente espiritual na caracterização desses atletas também se revela na disciplina ascética atribuída a eles. Em “A arte profissional de Michael Joyce”,²¹ Wallace acompanha um jovem tenista profissional de nível intermediário durante um torneio, enfatizando a vida monástica que ele leva em prol do esporte: treinos exaustivos, rotina espartana, abdicação de prazeres comuns. Wallace chega a se declarar “meio espantado” com a capacidade de Joyce de “desligar certas vozes da consciência” e entregar-se completamente ao presente do jogo, sem distrações. Essa dedicação total aproxima-se de uma prática espiritual – uma espécie de meditação ativa ou devoção ao ofício. King (2018)²² observa que Wallace descreve os tenistas profissionais quase como uma casta espiritual, marcada por um ascetismo voltado ao aperfeiçoamento de sua arte atlética. Assim, na concepção wallaciana, a transcendência do atleta não reside apenas nos momentos do jogo em si, mas em todo um ethos de esforço, concentração e sacrifício que o eleva acima da experiência cotidiana das pessoas comuns.

Outro aspecto recorrente é a ideia de graça. Wallace sugere que atletas como Federer desfrutam de momentos de graça no sentido quase teológico: instantes de performance perfeita que parecem guiados por uma força além do consciente. Ele cunha a expressão “Momentos Federer” precisamente para esses lampejos de milagre esportivo – pontos “impossíveis” que deixam plateias em pasmo silencioso, uma espécie de êxtase coletivo.²³ A escolha da palavra êxtase não é casual: etimologicamente, denota “ficar fora de si”, um arrebatamento. Nessas

²⁰ WALLACE. Roger Federer as religious experience, p. 63.

²¹ WALLACE. Tennis player Michael Joyce's professional artistry [...], p. 50.

²² KING. The spirituality of sport and the role of the athlete [...].

²³ WALLACE. Roger Federer as religious experience.

ocasiões, o atleta age como se estivesse fora de si mesmo, canalizando habilidade sobre-humana; e os espectadores, por sua vez, são transportados de suas vidas ordinárias ao presenciarem o fato consumado.²⁴ Em linguagem religiosa, poder-se-ia falar de epifanias ou milagres. O próprio Wallace, no fechamento de seu texto sobre Federer, aproxima explicitamente aquele jogo de Wimbledon a uma experiência de graça divina: afirma que foi “uma experiência religiosa, uma espécie de graça, a visão de um outro mundo melhor”.²⁵

Esporte, secularização e o “fator sagrado”

É antigo o comentário de que o esporte assume na cultura contemporânea papel similar ao da religião – fala-se em “religião civil” do esporte, em ídolos esportivos, templos (estádios) e rituais (hinos, cerimônias). Wallace, porém, dá um passo além dessas análises sociológicas ao focalizar a vivência individual do espectador. Como aponta Kyle R. King (2018),²⁶ Wallace desafia a visão de que o esporte moderno é meramente uma versão secularizada da religião. Ao contrário, ele sugere que algo de sagrado ainda pode emergir na experiência esportiva, mesmo num contexto laico. Wallace eleva a busca da beleza cinética “ao nível do sagrado”, configurando uma alternativa ao modelo tradicional de “cristianismo muscular” associado a esportes de equipe.²⁷ Nesse novo modelo, o grande atleta se converte, em certo sentido, em símbolo sacramental, e ao público oferece uma experiência que remete à graça terrena.

O ESPECTADOR COMO INTÉRPRETE: TRADUZINDO A EXPERIÊNCIA ESPORTIVA

No universo de Wallace, o espectador – seja ele o fã anônimo nas arquibancadas ou o próprio ensaísta reflexivo – possui um papel crucial: o de intérprete da experiência esportiva. Esse entendimento origina-se de um paradoxo que Wallace

²⁴ QUEIROZ. Corpo, mídia e esporte.

²⁵ STRONG. Those Federer moments, n. p.

²⁶ KING. The spirituality of sport and the role of the athlete [...], p. 234.

²⁷ KING. The spirituality of sport and the role of the athlete [...], p. 234.

identifica: os grandes atletas, gênios do movimento, frequentemente são incapazes de articular em palavras a natureza de seu feito, focados que estão no fazer. Ele explora essa ideia de forma contundente em “How Tracy Austin Broke My Heart” (1994),²⁸ sua resenha da autobiografia da tenista Tracy Austin. Wallace expressa decepção ao constatar que a campeã, tão brilhante em quadra, produz apenas clichês vazios fora dela: “grandes atletas geralmente revelam-se atordoadamente inarticulados sobre as qualidades e experiências que constituem sua fascinação”.²⁹ Sua conclusão é que, talvez, “para os atletas de alto nível, os clichês não se apresentam como lugar-comum, mas simplesmente como verdade” – isto é, para eles, dizer “jogar um ponto de cada vez” ou “dar 100%” não é frase feita, mas sabedoria prática.³⁰

Se o atleta vive no fazer e não no refletir, isso abre espaço para a figura do espectador-intérprete. O próprio Wallace, ex-tenista mediano, porém intelectual prolífico, encarna esse papel. Ele afirma que “pode muito bem ser que nós, espectadores, que não fomos dotados divinamente como atletas, sejamos os únicos verdadeiramente capazes de ver, articular e animar a experiência do dom que nos é negado”.³¹ Essa citação sintetiza a ideia de que há uma compensação irônica em jogo: por não termos o “dom” atlético, ganhamos a perspectiva necessária para apreciá-lo em toda sua plenitude.³² O tenista genial vive o momento plenamente, mas talvez sem consciência de sua singularidade; já o espectador, consciente da própria falta daquele talento, pode contemplá-lo com admiração e extrair dele significados.

Wallace como “tradutor” entre o fazer e o ser

James Chesbro (2018) qualificou Wallace como um “tradutor talentoso entre o fazer e o ser”.³³ Essa expressão ilumina o duplo domínio que Wallace habitava:

²⁸ WALLACE. *Consider the lobster and other essays*.

²⁹ WALLACE. *Consider the lobster and other essays*, p. 462.

³⁰ WALLACE. *Consider the lobster and other essays*, p. 462.

³¹ WALLACE. Tennis player Michael Joyce’s professional artistry [...], p. 191.

³² KING. The spirituality of sport and the role of the athlete [...]; WALLACE. Tennis player Michael Joyce’s professional artistry [...].

³³ CHESBRO. Beauty, love, and reconciliation for the gift we are denied: David Foster Wallace

ele tinha a vivência prática do esporte (*o fazer*, por ter competido e conhecido por dentro a técnica, a pressão, as manias dos jogadores) e a capacidade literária de análise e expressão (*o ser*, no sentido de pensar sobre o ser). Assim, Wallace funciona como uma ponte entre o mundo dos atletas – frequentemente lacônicos ou “silenciosos” fora de suas performances – e o mundo dos espectadores/leitores, ávidos por entender o que torna aquele jogo ou jogador especial. Em seus ensaios, ele assume explicitamente essa função pedagógico-interpretativa. Por exemplo, em “A arte profissional de Michael Joyce”, Wallace dedica-se a explicar ao leitor leigo por que um jogador apenas ranqueado em torno do 80º lugar do mundo (Joyce) pode, ainda assim, ser um artista e um obcecado notável, cujo nível de jogo está a anos-luz do amador – desvelando “os bastidores mentais e técnicos” do circuito profissional que o espectador comum não vê.³⁴ Já em “Federer, de carne e não só”,³⁵ Wallace muitas vezes interrompe a narração do jogo para inserir esclarecimentos históricos (como a evolução das raquetes) ou reflexões filosóficas sobre o porquê assistimos ao esporte.³⁶ Em ambos os casos, ele atua como intérprete cultural, contextualizando e conferindo sentido maior ao que, na mera transmissão esportiva, seria apenas entretenimento efêmero.

Wallace também reconhece a dimensão hermenêutica do ato de torcer e assistir. Em suas descrições do público, frequentemente destaca o investimento emocional e interpretativo dos espectadores. Por exemplo, no ensaio “Democracy and Commerce at the U.S. Open”, ele descreve como “cada segundo de ação contém em si um pagamento potencial, na forma de intensidade” para o torcedor, cujo “investimento emocional gruda-o à arquibancada ou à poltrona em frente à TV”.³⁷ Ou seja, o espectador assiste buscando significado – seja na forma de um clímax esportivo (um ponto decisivo, uma virada heróica) ou de uma espécie de catarse pessoal. Wallace valida essa busca: ele afirma que se emocionar, se extasiar ou ficar boquiaberto diante de um jogo magnífico não é frivolidade, mas

on tennis, n. p.

³⁴ WALLACE. Tennis player Michael Joyce's professional artistry [...].

³⁵ WALLACE. Roger Federer as religious experience.

³⁶ CHASE. David Foster Wallace and the aesthetics of athletics, n. p.

³⁷ QUEIROZ. Corpo, mídia e esporte, p. 345.

parte de uma necessidade humana de extrair sentido e beleza dos feitos alheios.³⁸ Ele mesmo, como narrador, não esconde suas reações – confessa ter derrubado pipoca no sofá e caído de joelhos após um Momento Federer.³⁹ Com isso, ele se coloca no mesmo plano do leitor: fãs-intérpretes que tentam compreender juntos aquele fenômeno.

Ver ao vivo, pensar após: a dualidade da recepção

Um tema implícito na figura do espectador-intérprete é a diferença entre a experiência imediata e a reflexão posterior. Wallace valoriza imensamente a experiência ao vivo do esporte – conforme já discutido, o tênis presencial é sempre superior ao televisivo no impacto sensorial. Porém, ele reconhece que, durante o momento ao vivo, o espectador está entregue à emoção, não à análise. É apenas depois, rememorando ou narrando, que se constrói a interpretação – e é aí que entra o papel do escritor. Wallace modela esse processo em “Federer, de carne e não só”: ele nos conta que durante a final de Wimbledon que assistiu teve seus “Momentos Federer” de pasmo, e somente posteriormente, escrevendo o ensaio, pôde dissecar e meditar sobre o que testemunhou.⁴⁰ Esse relato reforça a ideia de que o ensaísta deve traduzir o esplendor real do jogo em compreensão reflexiva, completando a experiência esportiva com análise e sentido.

CONCLUSÃO

David Foster Wallace transformou o tênis – e, por extensão, o esporte competitivo – em matéria literária de primeira grandeza, sem abdicar da emoção de torcedor nem da acuidade de crítico cultural. Ao longo deste ensaio, vimos como Wallace aborda o tênis em três níveis interconectados. Primeiro, na dimensão estética, celebra a “beleza cinética” do esporte, defendendo que um rali bem jogado ou um saque impecável podem ser tão belos quanto uma pincelada em tela

³⁸ STRONG. *Those Federer moments*, n. p.

³⁹ WALLACE. *Roger Federer as religious experience*.

⁴⁰ CHASE. *David Foster Wallace and the aesthetics of athletics*, n. p.

ou um verso bem composto. Introduziu ao léxico esportivo termos e metáforas que enfatizam a graça, a elegância e o deleite visual do tênis – recolocando conceitos como beleza e arte no centro da conversa esportiva.⁴¹ Segundo, na dimensão espiritual, Wallace interpretou os grandes momentos do tênis como algo próximo do sagrado em meio secular. Sem recorrer a misticismos vazios, ele argumentou (e ilustrou) que performances atléticas de altíssimo nível podem fornecer vislumbres de transcendência, seja na figura quase sobre-humana do atleta de elite, seja no êxtase coletivo dos espectadores boquiabertos sentindo uma espécie de “graça” terrena.⁴² Terceiro, na dimensão cultural e interpretativa, vimos que Wallace atribui ao espectador – especialmente ao espectador-reflexivo, frequentemente encarnado pelo próprio ensaísta – o papel de mediador de sentidos. Ele reconhece que, para que a beleza e a transcendência esportiva não se dissolvem no ar fugaz do estádio, é preciso narrá-las, comentá-las, traduzi-las em linguagem reflexiva. Desse modo, Wallace eleva a crônica esportiva ao patamar do ensaio literário, fundindo vivência pessoal, análise técnica e digressão filosófica.

Pode-se concluir que, na obra de Wallace, o tênis serve de microcosmo para questões humanas universais. Ao dissecar a dinâmica de um jogo, ele está também explorando a relação entre corpo e mente, entre prática e teoria, entre o indivíduo e a coletividade, entre a realidade material e os anseios metafísicos. Essa capacidade de articular o esporte com a condição humana é o que torna seus ensaios sobre tênis tão relevantes para pesquisadores de diversas áreas – da literatura comparada à filosofia do esporte, da retórica à sociologia cultural. Wallace mostra que falar de esportes não precisa restringir-se a comentar jogadas ou perfis de celebridades atléticas; é possível pensar o esporte de maneira rigorosa e criativa, revelando nele camadas inesperadas de significado.

Por fim, cabe ressaltar que o legado de Wallace inaugurou uma espécie de pequena tradição de “escrita literária sobre esportes” que inspira outros autores e jornalistas a abordarem modalidades esportivas com semelhante profundidade.

⁴¹ WALLACE. Roger Federer as religious experience; CHASE. David Foster Wallace and the aesthetics of athletics, n. p.

⁴² WALLACE. Roger Federer as religious experience; KING. The spirituality of sport and the role of the athlete [...].

Seu olhar apaixonado, porém, crítico convida-nos, enquanto leitores-espectadores, a apreciar um jogo de tênis não apenas pelo placar, mas sobretudo pela experiência estética que ele proporciona, pela reflexão espiritual-existencial que pode evocar e pelos significados culturais que dele extraímos. Em um mundo saturado de entretenimento fugaz, a mensagem de Wallace talvez seja a de que podemos – e precisamos – olhar com mais atenção e alma para aquilo que nos entretém, pois ali também residem verdades e belezas sobre quem somos.

* * *

REFERÊNCIAS

- CHASE, Greg. David Foster Wallace and the aesthetics of athletics. **Guernica Magazine**, 19 maio 2016. Disponível em: <https://abrir.link/hGwSs>.
- CHESBRO, James M. Beauty, love, and reconciliation for the gift we are denied: David Foster Wallace on tennis. **Essay Daily**, 2018. Disponível em: <https://abrir.link/MyeWG>.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **In praise of athletic beauty**. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 2006.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Corpo e forma**: ensaios para uma crítica não-hermenêutica. Organização de João Cesar de Castro Rocha. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Crowds**: the stadium as a ritual of intensity. Trad.: Emily Goodling. Stanford: Stanford University Press, 2021.
- KING, Kyle R. The spirituality of sport and the role of the athlete in the tennis essays of David Foster Wallace. **Communication & Sport**, v. 6, n. 2, p. 219-38, 2018.
- QUEIROZ, Luciana Molina. Corpo, mídia e esporte: uma leitura de Hans Ulrich Gumbrecht e David Foster Wallace. **Revista Artefilosofia**, edição especial, 2020: 336-49. Disponível em: <http://www.artefilosofia.ufop.br/>. Acesso em: 10 jul. 2025.
- SILVA, José Mário. A beleza cinética por David Foster Wallace. **Expresso** (Lisboa), 17 jan. 2021. Disponível em: <https://abrir.link/bKUtl>.
- STRONG, Franklin. Those Federer moments: sports, sex, and the gender of grace. **Religion Dispatches**, 31 ago. 2015. Disponível em: <https://abrir.link/OZEpx>.
- WALLACE, David Foster. Derivative sport in Tornado Alley. **Harper's Magazine**, v. 282, n. 1691, p. 20-5, 1991.

WALLACE, David Foster. How Tracy Austin broke my heart. In: WALLACE, David Foster. **Consider the lobster and other essays**. Boston: Little, Brown and Company, 2005 [1994]. p. 141-55.

WALLACE, David Foster. Tennis player Michael Joyce's professional artistry as a paradigm of certain stuff about choice, freedom, limitations, joy, grotesquerie, and human completeness. **Esquire**, jul. 1996, p. 78-85. (Incluído em *A supposedly fun thing i'll never do again*, Boston: Little, Brown, 1997).

WALLACE, David Foster. Democracy and commerce at the U.S. Open. **Tennis Magazine**, out. 1996, p. 42-7. (Incluído em *Both flesh and not: essays*, New York: Little, Brown, 2012).

WALLACE, David Foster. Roger Federer as religious experience. **The New York Times**, 20 ago. 2006, seção Esportes. (Publicado em português como “Federer, de carne e não só” em *Ficando longe do fato de já estar meio que longe de tudo*. Trad.: Caetano W. Galindo, São Paulo: Companhia das Letras, 2012).

* * *

Recebido em: 1º ago. 2025.
Aprovado em: 18 ago. 2025.